

**ENTRE CELAS: uma análise do imaginário coletivo das prisões na narrativa midiática.**

**LUCIANA PEREIRA DA ROCHA SAFE**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

**ALINE REGINA SANTOS**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC)

## **ENTRE CELAS: uma análise do imaginário coletivo das prisões na narrativa midiática.**

### **Introdução**

O ambiente prisional, embora distante da realidade da maioria da população, se faz presente em diversos contextos midiáticos - desde livros, telenovelas, filmes e séries até em letras de músicas populares e, assim, entra no imaginário coletivo. Esta narrativa se configura, muitas vezes, como o principal elemento formador para a construção do modelo mental e, numa instância coletiva, da representação social deste conjunto simbólico que constitui as prisões. Aparentemente inofensivos, tais modelos mentais podem estimular a construção de associações negativas, as quais podem estimular comportamentos “pré”conceituosos ou ainda, em um âmbito maior, influenciar políticas públicas relacionadas ao sistema prisional.

No âmbito da gestão, a narrativa midiática pode ocasionar uma visão divergente da realidade entre as celas. O sistema prisional no Brasil é o conjunto de instituições, normas e práticas voltadas para a custódia, execução da pena e ressocialização de pessoas privadas de liberdade cujo funcionamento é regulamentado por diversas leis e normas constitucionais, com destaque para a Lei de Execução Penal 7.210 (LEP) de 1984 e a Constituição Federal de 1988. As instituições que formam o sistema prisional brasileiro são subdivididas na LEP (Brasil, 1984) conforme o regime adotado: Presídios ( regime provisório sem condenação definitiva), Penitenciárias (condenados em regime fechado), Colônias agrícolas e industriais (regime semiaberto), Albergues ou casas de abrigo (regime aberto), Centro de Detenção Provisória (CDP’S) para presos provisórios e sistema socioeducativo (para adolescentes).

No Brasil, segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN, 2023) existem 1.561 estabelecimentos penais, sendo 564 penitenciárias, 426 presídios, 95 colônias agrícolas e industriais, 250 centros de detenção provisória, 34 hospitais de custódias e tratamento psiquiátrico, 192 unidades mistas. Neste estudo, todas as nomenclaturas do sistema prisional serão tratadas como sinônimo de “prisão” visando a padronização da linguagem.

A prisão, como elemento simbólico, habita o chamado imaginário coletivo. O conceito de imaginário coletivo é multifacetado e oriundo de diferentes áreas, entre elas a psicologia, filosofia, antropologia, sociologia, linguagem e comunicação. O imaginário coletivo pode ser apresentado como símbolos que atuam como elementos de transcendência e transformação da experiência humana com significados profundos e universais no inconsciente coletivo, moldando a imaginação individual e social (Bachelard, 1998) que se organizam em estruturas arquetípicas moldado por narrativas recorrentes e universais de forma coletiva (Durand,2004 ).

Ademais, o imaginário coletivo também atua como força social que reúne as pessoas em torno de sentimentos e experiências comuns que são fundamentais na criação de identidade e coesão social (Maffesoli, 2015) e como rede simbólica que está na linguagem e nas instituições (Castoriadis, 1975), condicionado pela experiência sensorial e pelas transformações culturais (Corbin, 1964).

Por esse motivo, a formação do imaginário tem relação direta com o fenômeno das representações sociais. Esta, por sua vez, se caracteriza como conjuntos organizados de conhecimentos, crenças, valores e práticas compartilhados por um grupo social, que servem para dar sentido à realidade, orientar comportamentos e facilitar a comunicação entre os membros desse grupo. (Moscovici, 2003) Ainda, é importante destacar a

influência da comunicação no processo da representação social e as formas como as representações se tornam senso comum. (Moscovici, 2003) Neste sentido, as narrativas midiáticas têm papel relevante tanto na construção do imaginário coletivo, quanto das representações sociais.

Trazendo para o contexto da presente pesquisa, parte-se do princípio de que as representações sociais entram em um mundo comum e cotidiano em que tudo que as pessoas ouvem, leem, discutem sobre a prisão habitará o imaginário coletivo. Sendo assim, a presente pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: Quais elementos simbólicos associados à prisão estão presentes em narrativas midiáticas?

Desta forma, o objetivo da pesquisa consiste em analisar os elementos da formação do imaginário coletivo da imagem das prisões, no contexto brasileiro, a partir das narrativas midiáticas. Parte-se do pressuposto de que, uma vez distante da maioria da população, a imagem das prisões é construída a partir da interação do indivíduo com conteúdos provenientes da mídia, tais como jornais, filmes, telenovelas, música e outros. E ainda, que tais conteúdos apresentam uma conotação negativa do sistema prisional.

Para alcançar o objetivo delineado foi realizada a seleção dos documentos objeto de análise (filmes, documentários, peças de teatro, livros, artigos científicos, música e notícias) que utilizaram o conceito de prisão (ou similar no contexto) no Brasil. Posteriormente, a análise de dados foi realizada por meio da classificação do conteúdo dos documentos conforme polaridade e ideias associativas, provenientes da teoria da semiótica de Barthes (1990). Por fim, foram identificados os elementos simbólicos que estão presentes na formação da imagem das prisões.

As contribuições deste estudo no âmbito acadêmico consistem na aplicação da teoria da semiótica e simbolismos na prática de organizações prisionais, o que consiste numa proposta pouco explorada no âmbito acadêmico e original no Brasil. Jugović e Bogetić (2018) realizaram um estudo similar na Sérvia, cujo objetivo foi de analisar criticamente como as mídias constroem representações de prisões, explorando os estereótipos predominantes e o impacto dessas narrativas na percepção pública sobre o sistema penal global (Estados Unidos, Europa e Sérvia). Por sua vez, no Brasil, os estudos que abordam o contexto das prisões, nas áreas de ciências sociais aplicadas, tratam de assuntos como a educação escolar nas prisões com estudo na penitenciária de Uberlândia (Oliveira, 2013), mortalidade e causas de óbitos nas prisões do Rio de Janeiro (Sánchez et al., 2021), o encarceramento em massa em São Paulo (Sinhoretto et al., 2013), a responsabilização estatal da tuberculose nos presídios brasileiros (Larouze et al., 2015), a prisão como sistema de interesse capitalista (Freitas et al, 2024), a crise no sistema carcerário brasileiro (Santos, 2019) e a expansão da população prisional (Oliveira, 2024).

Com a proposta de uma pesquisa com uma nova perspectiva das anteriores existe a possibilidade de entendimento do imaginário e dos símbolos difundidos nas narrativas midiáticas que podem auxiliar organizações públicas do sistema prisional e nas ações de comunicação com a sociedade. Ainda que o gerenciamento de imagem das prisões tenha interferência simbólica do conteúdo midiático, Antunes et al (2024) demonstram que existe a possibilidade de interferir de modo direto ou indireto, no relacionamento da instituição com o seu público, Schuler e Toni (2015) enfatizam a possibilidade da gestão da imagem e Fidalgo et al (2017) corrobora que o sistema prisional é passível de teoria científica. Portanto, a comunicação gerencial e organizacional poderá estar pautada na realidade objetiva, buscando neutralizar os estereótipos causados pelos símbolos e efetuar uma aproximação do público para enxergar entre as celas.

### **O imaginário coletivo e as representações sociais**

O conceito de imaginário pode estar pautado em diferentes perspectivas e proposições teóricas (Anaz et al, 2014). Em relação aos símbolos no imaginário, Bachelard (1998) entende que imagens e símbolos atuam como elementos de transcendência e transformação humana pois certos arquétipos têm significados profundos e algumas imagens são universais no inconsciente coletivo, moldando a imaginação individual e social.

Para Durand (2004) as atitudes imaginativas resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos pelo ser humano. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria o “imaginário”, cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio biopsicossocial diante da percepção da temporalidade. A questão do tempo dentro de uma perspectiva histórica já havia sido inicialmente abordada por Corbin (1964) que afirma que as sensibilidades e percepções são construídas historicamente e moldam a imaginação social.

Por sua vez, Maffesoli (2015) afirma que os indivíduos estão associados a uma rede simbólica, um simbólico que está na linguagem, mas que também está nas instituições. Os símbolos institucionais, aquilo que representam, não são assim instituídos apenas racionalmente e também não o são naturalmente, mesmo que apoiados de alguma forma na realidade.

A aplicação do imaginário na realidade pode ser percebida nos estudos de Granato et al (2011) e Aiello-Vaisberg e Machado (2008), que abordam os aspectos afetivo-emocionais subjacentes às condutas humanas sobre as motivações de indivíduos e coletivos que estariam sustentando práticas estereotipadas. Os autores desenvolveram o conceito de "imaginário coletivo" entendido como manifestações simbólicas de subjetividades grupais, ou seja, as imagens, crenças e emoções que um determinado grupo social produz em relação a um fenômeno.

A questão do imaginário na coletividade é relevante pois Carvalho (2002) apresenta a ideia de que as representações sociais encontrariam no imaginário do grupo uma expressão simbólica, portanto, relaciona a ideia do imaginário com as representações sociais (de representação de grupos) e enfatiza que os grupos buscam o reconhecimento social com uma identidade e categorização social. A dimensão imagética da representação social garante seu caráter manipulável nos grupos e junto do conceito irão formar uma determinada representação social.

Neste sentido, uma representação social, conforme Moscovici (2003), é oriunda de um imaginário grupal onde se podem obter evidências, que são as produções simbólicas de um grupo. Assim, a arte, a literatura, e o cinema, assim como toda produção simbólica de um grupo, segundo Morin (1997) e Motta (2002) equivale a materialização de seu imaginário.

Por fim, cumpre destacar que as representações sociais, como pensamentos sociais de um grupo e sua expressão simbólica permitem, na perspectiva de Hatch (2013), que as crenças subjetivas afetem o comportamento e a realidade objetiva. Assim, a realidade das prisões poderia, segundo a ótica do autor, ser captada pela análise da comunicação simbólica que existe na mídia para compor o imaginário da sociedade.

### **O papel da comunicação na construção do imaginário**

A comunicação é fundamental na construção do imaginário coletivo e pode contribuir de diferentes formas: pela identificação (Silva, 2003; Faria, 2008), pelo

convencimento (Maffesoli, 2015; Carvalho 2002) e pela opinião pública (Dalton, 2006; Gerzon et al 2009).

A comunicação pela identificação ocorre pelas vivências, preferências estéticas e temáticas que conquistam a afeição que permite a relação entre o imaginário coletivo do público-alvo (Faria, 2008). A identificação ocorre quando o imaginário social estrutura-se principalmente por contágio da aceitação do modelo do outro, disseminação desse modelo e imitação no todo em de uma parte (Silva, 2003). Logo, para que exista esse “contágio”, o comunicador social ou visual, passa a desempenhar o papel de mediador das informações e da relação das possibilidades do campo imaginal com a sociedade (Luersen, 2010).

A comunicação pelo convencimento ocorre pela presença da comunicação na sociedade do espetáculo que, assim denominada por Carvalho (2002), teria a imagem como instrumento prioritário de persuasão. A imagem é utilizada no âmbito da comunicação aplicada na propaganda, marketing, design e áreas correlatas, estruturado segundo Maffesoli (2015) em um fluxo de relações de mecanismos emocionais para a criação de imagens sustentadas pela tecnologia da informação e comunicação. Ressalta-se que o público não absorve ingenuamente tudo aquilo a que é exposto, sendo manipulado pelo conteúdo. Segundo Maffesoli (2020), o público se projeta naquilo que vê, não simplesmente sendo impactado pela imagem, mas criando uma relação com esta.

A comunicação construída pela opinião pública é considerada um tipo de projeção social (Dalton, 2006). Segundo o autor, indivíduos têm opiniões voláteis e, neste ambiente, tentar moldá-las com a realidade se torna crucial. Esta circunstância torna a inspeção e análise da opinião de massa convincente e significativa para efeito da força da opinião pública e da mídia. Gerzon et al. (2009) acreditam que a imagem seja formada com base em um conjunto de informações recebidas (verbais e visuais) e que o cidadão percebe os discursos, formulados por meio de diferentes canais de comunicação, e então elabora sua impressão.

Por sua vez, a opinião sustentada pelo público na sociedade impacta na comunicação e reputação das organizações. Gray e Balmer (1998) e Balmer (2001) destacam esses conceitos como questões estratégicas, cujo desenvolvimento e manutenção de uma imagem reconhecível e uma reputação favorável podem ser decisivos para a sobrevivência de uma organização.

Se a comunicação pode exercer sua influência no imaginário de diferentes formas, também é necessário saber que todas estão pautadas na comunicação humana como um recurso artificial. Flusser (2007) utiliza o termo ao defender a existência de uma “artificialidade” dos códigos aprendidos e armazenados no imaginário dos indivíduos, tais como as palavras e formas de escrita. O autor esclarece que, no processo de aprendizagem, a artificialidade dos códigos tende a passar despercebida. Isto porque, uma vez que um código é internalizado, passa a ser compreendido como “natural”.

A naturalidade com que as informações são absorvidas por parte do público e as interações sociais permitem que os veículos de informação sirvam como fonte de assuntos para o dia seguinte, despertam sentimentos e emoções populares, colocando um coletivo em uma vibração global, que forma o imaginário (Flusser, 2007).

A comunicação e o imaginário no estudo específico das prisões são exemplificados por Nery (2012) com uma crítica a forma como a imprensa pode depreciar as prisões e junto dela as categorias profissionais, como os servidores do sistema prisional. Estas críticas, segundo o autor, são construídas por meio das narrativas negativas dos sistema prisional, transmitindo uma imagem pejorativa que a

sociedade, desconhecendo a realidade prática das prisões, tende a aceitar como verdadeira.

### **Metodologia**

A presente pesquisa possui caráter exploratório-descritivo, predominantemente qualitativa (Barbosa, 2017; Silva, 2010), com uso de procedimentos de coleta de dados mistos de pesquisa bibliográfica e análise documental de textos, imagens e sons (Bauer e Gaskell, 2002).

Para a análise documental foi selecionada a análise de conteúdo da semiótica de Barthes (1990) aplicada à representação das prisões. A análise foi estruturada com signos, símbolos e estruturas narrativas em textos, imagens e vídeos para interpretar os significados e sentidos subjacentes nas representações sociais.

As unidades selecionadas para análise documental foram compostas de 51 documentos, com coleta de formas distintas, entre plataforma Google de pesquisa avançada, bibliotecas, plataformas de streaming, entre outros. Em todas as buscas fez-se uso de palavras chaves associadas ao sistema prisional, tais como “prisão”, “presos” “penitenciária”, “presídios”, “detentos”. Também foi realizada busca *booleana* “AND” com as palavras chaves e as palavras novelas, filmes, séries, músicas e notícias. Para seleção foram priorizados os resultados apresentados na primeira página ou até no máximo quinta página de busca. O processo de seleção das unidades consideraram os seguintes critérios de inclusão: (1) obras brasileiras; e (2) acessibilidade plena ao conteúdo. Por sua vez, obras técnicas ou acadêmicas foram excluídas da seleção.

Os livros foram selecionados por uma busca cruzada entre obras literárias disponibilizadas em biblioteca universitária pública (meio físico e digital) e obras disponíveis para venda na internet. Os filmes, novelas e séries foram selecionados utilizando termos associados à “cenas de prisão” no processo de busca. Também foi realizada pesquisa de conteúdo em plataformas streaming por assinatura como Netflix, Paramount, Amazon Prime Video, Globo Play, HBO, Playplus, Google Play e Youtube.

Em relação às músicas, estas foram pesquisadas em plataforma de busca na internet e, as selecionadas, ouvidas na íntegra. As obras de teatro foram pesquisadas na internet com o termo de busca “obras de teatro que abordam a prisão ou o contexto prisional no Brasil” e selecionadas as que estavam disponíveis para visualização. As notícias foram selecionadas conforme palavras chave já apresentadas adicionadas aos dos nomes de veículos de comunicação com grande circulação (SBT, GLOBO, CNN, ESTADÃO, AGÊNCIA BRASIL, etc).”

A coleta de dados ocorreu no período de janeiro de 2025 até junho de 2025. A seguir são apresentadas as unidades selecionadas para análise.

Figura 1 - Documentos selecionados para análise

<b>ID DOCUMENTO</b>	<b>DOCUMENTOS SELECIONADOS</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>ANO</b>
NOVELA 1	O Rei do Gado	Benedito Ruy Barbosa	1996
NOVELA 2	A Próxima Vítima	Silvio de Abreu	1995
NOVELA 3	Salve Jorge	Glória Perez	2012
NOVELA 4	A Regra do Jogo	João Emanuel Carneiro	2015
NOVELA 5	Avenida Brasil	João Emanuel Carneiro	2012
NOVELA 6	Amor à Vida	Walcyr Carrasco	2013
NOVELA 7	Beleza Fatal	Raphael Montes	2022
NOVELA 8	Caminho das Índias	Gloria Perez	2025

SÉRIE 1	Sob Pressão. último episódio da 2ª temporada, 7 da 3ª temp.	Jorge Furtado	2017
SÉRIE 2	Trilogia da cárcere (A fábrica, Pátio, A gente)	Aly Muritiba	2013
SÉRIE 3	Carcereiros (série)	Marçal Aquino, Fernando Bonassi e Dennison Ramalho	2017
SÉRIE 4	As piores prisões do mundo (temporada 3, episódio 1 Brasil)	Raphael Rowe	2016
LIVRO 1	Estação Carandiru	Drauzio Varella	1999
LIVRO 2	Memórias do Cárcere	Graciliano Ramos	1953
LIVRO 3	Diário de um Detento	Jocenir Prata	1993
LIVRO 4	Quarto de despejo: O Diário de Uma Favelada	Maria Carolina de Jesus	1960
LIVRO 5	Presos que Menstruam	Nana Queiroz	2015
LIVRO 6	Prisioneiras	Drauzio Varella	2012
LIVRO 7	Quando a Liberdade Vira Pó	Pedro Madsen Andrade	2017
LIVRO 8	Vozes do Cárcere	Thyla Oires & Felipe Freitas	2018
LIVRO 9	A Prisão	Ascendino Leite	1964
LIVRO 10	Carcereiros	Drauzio Varella	2012
LIVRO 11	Prisões brasileiras em 100 fotos chocantes	Sirio Darlan	2024
LIVRO 12	Sonhos de concreto: diário de uma psicóloga em um hospital-prisão	Ingra Nicolai	2023
FILME 1	Pixote: A Lei do Mais Fraco	Hector Babenco	1981
FILME 2	Carandiru	Hector Babenco	2003
FILME 3	Cidade de Deus	Fernando Meirelles e Kátia Lund	2002
FILME 4	O Prisioneiro da Grade de Ferro (Autorretratos)	Paulo Sacramento	2003
FILME 5	Documentário Justiça.	Maria Augusta Ramos	2004
FILME 6	Quase Dois Irmãos	Lúcia Murat	2004
FILME 7	Salve Geral	Sérgio Rezende	2009
FILME 8	Sem pena	Eugenio Puppó	2019
NOTÍCIAS 1	Caos em presídios passa por cultura encarceradora da Justiça	CNN Brasil	2023
NOTÍCIAS 2	Preso denuncia tentativa de extorsão de R\$ 600 mil para conseguir laudo médico em hospital penitenciário do Rio	G1	2024
NOTÍCIAS 3	Órgão federal aponta tortura, comida estragada e contaminação proposital por tuberculose em presídios do RN	Reddit	2023
NOTÍCIAS 4	Fugas em presídios de Minas em 2024 já ultrapassam números de 2023	Agência Brasil	2024
NOTÍCIAS 5	Fuga de presídio de segurança máxima expõe vulnerabilidade do sistema carcerário federal	SBTnews	2024
NOTÍCIAS 6	Presídios do Brasil registraram quase uma fuga por dia no ano passado	O globo	2023
NOTÍCIAS 7	Relatório do governo denuncia tortura e risco de 'tragédias' em prisões	O globo	2017

NOTÍCIAS 8	TJ manda Estado parar de bater em presos de SP: há relatos de morte, agressões e mordidas de cães	Estadão	2019
NOTÍCIAS 9	Mulheres de presos relatam tortura e agressões no Pará	O globo	2019
NOTÍCIAS 10	Rebelião no Presídio Padrão de Catolé do Rocha (PB)	SBTnews	2025
NOTÍCIAS 11	Corpos dos 8 presos mortos em presídio de RO são liberados do IML	Goboplay	2016
NOTÍCIAS 12	Massacre em presídio de Manaus deixa 56 detentos mortos	El País	2017
NOTÍCIAS 13	Policiais penais são investigados sob suspeita de lavagem de dinheiro no RJ	Folha de São Paulo	2025
NOTÍCIAS 14	Superlotação no Presídio de Pouso Alegre deixa Justiça sem ter para onde mandar presos.	Globoplay	2017
MÚSICA 1	O diário de um detento	Racionais MC	1997
MÚSICA 2	Visão de Rua (Confidências de Uma Presidiária)	Dina Di	1998
TEATRO 1	Salmo 91- massacre do carandiru	Dib Carneiro	2025
TEATRO 2	Revista íntima	Cia la vaca	2024
TEATRO 3	Cárcere	Vinicius Piedade	2019

Fonte: Dados primários, 2025.

Para auxiliar o processo de análise de dados foram utilizadas planilhas do Microsoft Excel. Os trechos de análise selecionados foram incorporados às planilhas, com posterior extração de palavras (substantivos e adjetivos), permitindo identificar a frequência de ocorrência. Também foi utilizada a junção das palavras por categorias, para posterior análise conotativa.

Para a análise da semiótica da imagem da prisão conforme a teoria de Barthes (1990) foi verificada a representação denotativa (significado literal) e a representação conotativa (significado cultural e ideológico) dentro do contexto de texto, imagem e som de Bauer e Gaskell (2002) foram analisadas os adjetivos e substantivos presentes, elementos simbólicos utilizados nas narrativas de textos ou cenas.

### **Apresentação de resultados**

A apresentação dos resultados estrutura-se em duas partes. Primeiramente o estudo centra-se na descrição das prisões, de acordo com a narrativa das obras selecionadas. Adota-se a abordagem denotativa, com a análise do sentido literal das palavras. Posteriormente, apresenta-se o resultado da análise de conteúdo, com a identificação de palavras-chave e posterior agrupamento. Esta etapa priorizou a categorização dos termos em conotativo e denotativo, conforme recomendam o histórico de estudos de Barthes (2025).

### **Como a prisão é caracterizada**

A prisão é caracterizada de forma denotativa com símbolos que se repetem em quase todas as narrativas. De modo geral, a prisão é retratada como local inadequado estruturalmente e com uma gestão administrativa divergente das necessidades de ressocialização dos detentos, contrariando os direitos humanos. A figura 2 sintetiza os principais achados:

Figura 2 - Síntese da descrição da prisão

Elemento de caracterização	Trecho exemplo	Documento
Tortura	“entre tantas imagens fortes de tortura, privações e dias na solitária”	Livro 5 p.12
	“Não tem descanso, é tortura psicológica para o ser humano, doutor.”	Livro 1 p.67
	“Numa fala uníssona, mulheres dos presos relatam maus-tratos, torturas física e psicológica, falta de medicamentos e alimentação estragada.”	Notícia 9
	“As condições dos presídios são muito precárias (...) espancamento no sistema do presídio”	Música 2
Desumanização	“A prisão desumaniza. Com o tempo, o preso vira número, vira ficha, vira corpo em cela.”	Livro 1 p.112
	“celas sem ventilação, privadas entupidas, baratas nos alimentos (...) a prisão feminina é invisível até para o sistema.”	Livro 6 p. 144
	“Muitos anos de cadeia, trinta anos de cadeia. Esumavam-se o terror, a agonia, prognósticos medonhos: um policial na esquina, a ordem do chefe, sujeira, fome, o transporte de vigas pesadas na Colônia Correccional.”	Livro 2 p.17
	“Fedia a urina, fezes e mofo. Ninguém podia respirar sem sentir náusea.”	Livro 2 p.23
Corrupção policial	“Dois policiais penais foram alvo nesta segunda-feira (...) contra a lavagem de dinheiro em postos de gasolina. (...)”	Notícia 13
	“após um preso denunciar um esquema de extorsão de 600 mil por um laudo médico por parte dos policiais”.	Notícia 2
	Policial falando para o preso “Vai ficar de vadiagem, vai ficar desrespeitando funcionário, só vou atrasar seu lado (...) você acha que tem alguém lá fora incomodado com o que tem aqui dentro”	Série 3
	“A visita do sábado já era, arrependimento sem mudança não vale nada”	Série 2
Violência	“não conseguiremos vencer a violência, a desumanidade, o sofrimento e a pobreza – características bem marcantes dentro do sistema carcerário brasileiro.”	Livro 12 p.10
	“Relatos de mulheres presas obrigadas a mostrar os seios aos agentes públicos, cachorros sendo usados para morder detentos, socos, pontapés e denúncia de um preso ter sido obrigado a comer fezes”.	Notícia 8
	Ser presa é como voltar a ser bicho. Nos tratam com porrete e gritos.”	Livro 4 p.75

Fonte: dados primários, 2025.

Os elementos de caracterização como tortura, desumanização, corrupção policial e violência são mediados por quem comunica na obra, seja autor ou diretor. As narrativas do ambiente prisional retratam falhas estruturais e gerenciais, com um Estado que não consegue reorganizar ou sair da premissa da disciplina como punição. As ações internas permeadas de violência, a estrutura precária, as cores escuras, a falta de higiene e a corrupção estão em praticamente todas as unidades de análise.

Tais achados se assemelham aos encontrados por Jugović e Bogetić (2018), corroborando à ideia de uma narrativa midiática que tende a “exagerar” nos elementos negativos ao retratar o sistema prisional. Outro ponto interessante diz respeito à atemporalidade, uma vez que as narrativas mantêm a conotação negativa ao longo do tempo. Este fato facilita a replicação da mensagem e a sua “naturalização” no imaginário coletivo, em consonância com os apontamentos de Maffesoli (2015) e Flusser (2007) e contagiam na ótica de Luersen (2010) às possibilidades do campo imaginal com a sociedade. O campo imaginal envolve essas mensagens que são apreendidas e repassadas, num ciclo social infinito (Maffesoli, 2020) de estereótipos (Lopes, 2009). E todos os símbolos apresentados sobre a prisão serão códigos defendidos por Flusser (2007) como internalizados e tidos como naturais, ainda que tenham sido feitos de forma artificial por meio das narrativas.

### **Análise do conteúdo e sentido**

Na análise de conteúdo, adotou-se a perspectiva de Barthes (1990), que divide o signo em denotação (nível literal e visível) e conotação (nível simbólico, cultural e ideológico). Os símbolos denotativos foram categorizados conforme sua aparição nas imagens. Por exemplo, a categoria “superlotação” foi gerada a partir de imagens de pessoas dentro da cela sem local para sentar, pessoas nas grades fazendo sinal de muito, mãos e braços para fora da cela, muitos homens dentro de um quadrado pequeno. Além das imagens, as palavras lotado, superlotação, amontoados ou apinhados também foram associadas à categoria “superlotação”. Estas palavras e imagens demonstram, de forma conotativa, que as prisões estão acima da sua capacidade estrutural e que o Estado não está conduzindo ações efetivas para minimizar a situação.

A título de ilustração, na cena do massacre do Carandiru (filme 2), quando a Polícia Militar invadiu o presídio do Carandiru, em São Paulo, matando 111 detentos, a cena é realizada com cortes rápidos, gritos altos, sangue, tiros que mostram o colapso do Estado de Direito. É possível observar um presídio superlotado, com presos em situação precária, repressão estatal com a entrada violenta da polícia armada e homens sendo mortos sem julgamento ou resistência. Existe um discurso simbólico visível da violência do Estado, da desumanização dos presos e a tragédia social do sistema prisional brasileiro. Esses elementos constroem uma narrativa do massacre como metáfora do fracasso do sistema carcerário, da repressão do Estado e da desumanização dos presos.

Assim, após a análise de conteúdo das unidades selecionadas, as categorias identificadas foram: superlotação e violência (51 ocorrências, cada). Ou seja, foram identificadas em todas as narrativas. Na sequência foram apontadas as seguintes: celas (49), problemas na estrutura física - como sujeira, falta de saneamento e higiene - (48), desorganização (48) e corrupção (43). Os símbolos presentes em cada uma das categorias, que se repetem em imagens ou palavras, corroboram para o imaginário coletivo de que o sistema prisional é oriundo da negligência estatal.

Outras categorias mapeadas foram: cadeados e chaves (43 ocorrências), algemas (40) e palavrão (39). Reitera-se que nas notícias não se utiliza “palavrão” mas

nas obras de novela, série, filme, música e teatro estes recursos linguísticos são usados em grande quantidade, ao retratar o contexto das prisões.

Da mesma forma é possível perceber a utilização das nomenclaturas de forma divergente daquela existente no âmbito legal. Entre elas aparecem com destaque prisão (47), presídio (34), cadeia (28), penitenciária (22), cárcere (18), preso (50) e detento (32). Essa variedade de nomes demonstra que muitas obras foram feitas antes das mudanças de nomenclatura e utilizam termos divergentes da realidade atual. A própria mudança de visão inicial como cárcere que gera o “encarceramento” ainda perpetua em notícias atuais, no lugar de aprisionamento ou detenção que foram sendo modificadas pelo DEPEN (2023). Os carcereiros (22), que passaram de agentes prisionais (32) ou ainda agentes penitenciários (25) para policiais penais (6) também são citados, contribuindo para uma possível confusão no entendimento da população ou mesmo dificuldade de assimilação e apropriação, face a multiplicidade de nomenclaturas para o mesmo fim.

A variedade de citações possibilita a noção que no imaginário tudo seria parte da mesma coisa sem uma identidade e mudança histórica legitimada. Por exemplo: “O agente penitenciário sabe quando alguém na cadeia vai morrer” (Série 3) foi dita por uma série denominada “carcereiros”. Por outro lado, na série da trilogia Cárcere (Série 2) é feito o trocadilho com o nome do capítulo “A gente”, enquanto apresenta agentes prisionais com coletes escrito “agente”. Ou seja, a mídia confunde as terminologias dentro da mesma obra ou notícia.

Considerando o exposto, os símbolos como a superlotação e a violência foram unânimes em todas as narrativas. Por sua vez, o mesmo não ocorreu com os termos “agentes prisionais, agentes penais, carcereiros e policiais penais” que variam nas unidades de análise, não havendo consenso. Os símbolos associados ao sistema prisional presentes nas diferentes obras analisadas reforçam a ideia de desorganização estrutural e identitária do próprio sistema prisional, cuja comunicação é de uma organização que muda inúmeras vezes o nome dos seus representantes estatais. Portanto, a sociedade chama de prisão o que seria uma penitenciária, a sociedade chamada de carcereiro o que seria um policial penal. Essa falta de conexão da identidade organizacional e a comunicação de quem trabalha no sistema prisional pode acarretar problemas de comunicação institucional

### **Discussão dos Resultados**

O mapeamento das categorias e seus respectivos termos possibilitou a confecção de uma nuvem de palavras, apresentada aqui no formato de algemas para demonstrar como a imagem da prisão está “presa aos seus próprios símbolos”.

Figura 3 - Nuvem de palavras



## **Conclusão e Contribuição**

O contexto da pesquisa proposta aborda a “prisão” sendo sinônimo das inúmeras nomenclaturas populares utilizadas no sistema prisional pela sociedade brasileira como: prisão, presídio, prisões, penitenciária ou cárcere.

A imagem das prisões transcende o conceito de figura (imagem visual) para a ideia de modelo mental que molda o imaginário coletivo, dando corpo às representações sociais da prisão. Ao tratar o fenômeno desta forma, compreende-se que esses elementos simbólicos, reforçados na narrativa midiática, são guardados na memória, atribuindo um significado comum não apenas no âmbito individual, mas também coletivo.

Muito embora o sistema prisional tenha suas práticas, atores e ambientes próprios, há uma outra faceta deste sistema, de pouco controle gerencial. Esta faceta envolve "o que é dito" sobre o ambiente prisional nas narrativas midiáticas. Estas narrativas contam histórias através de imagens, textos, músicas, notícias, ajudando a criar um imaginário coletivo sobre o sistema prisional, em especial na mente das pessoas que pouco ou nunca interagiram com estes ambientes.

Desta forma, os achados reforçam a ocorrência de estereótipos negativos do sistema prisional, pois além de símbolos inerentes de estrutura física - como celas, cadeados, chaves e algemas - se somam os símbolos que carregam uma mensagem crítica - como superlotação, violência, tortura, desorganização e corrupção.

Observou-se que o imaginário coletivo das prisões é construído por narrativas que abordam a temática de forma negativa que pode interferir na questão da comunicação das organizações do sistema prisional com a sociedade brasileira. A ênfase na limitação estatal, na falha de gestão administrativa, na negligência dos direitos humanos, na precarização das instalações físicas, na ótica de vigilância e controle de pessoas, na punição como função exclusiva do sistema prisional, da violência inerente por parte dos policiais penais que demonstram despreparo emocional, na corrupção de servidores públicos é reiterada em novelas, filmes, séries, livros, músicas, obras de teatro e notícias. A crítica ao sistema prisional surge como se a “prisão” tivesse a responsabilidade, ou melhor, a irresponsabilidade na sua função de ressocialização. Contudo, a situação prisional pode ser apenas uma parte de inúmeros setores que atuam em conjunto nas políticas públicas.

Por fim, enfatiza-se que uma das limitações do estudo foi a quantidade de unidades de análise que poderia ser ampliada para verificação se os símbolos selecionados seguem tendo a mesma importância nas narrativas. Portanto, para pesquisas futuras, sugere-se ampliar o estudo incluindo um maior volume de unidades de análise. Outra possibilidade reside em estudo de natureza quantitativa com a sociedade, para verificar quais os elementos simbólicos sobre a prisão estão, de fato, presentes no imaginário coletivo. Os resultados desta pesquisa poderiam ser cotejados com os da atual, permitindo novas reflexões sobre a temática. Uma terceira linha de estudos, ainda, poderia realizar um levantamento *in loco* de distintas unidades prisionais, para verificar se os elementos presentes nas narrativas midiáticas e no imaginário coletivo correspondem à realidade entre celas.

A contribuição para os gestores de comunicação de organizações vinculadas ao sistema prisional seria a possibilidade de revisitar suas ações de comunicação para observar como os elementos simbólicos negativos apontados neste estudo são tratados com o público. Eles estão presentes nas ações de comunicação com a sociedade, ainda que subliminarmente? Ainda, o estudo pode suscitar a discussão entre os gestores sobre alternativas de mensagem, incluindo reflexões sobre qual a imagem o sistema prisional deseja fomentar no imaginário da população. Sob o prisma acadêmico, o estudo

corroborar com a temática do imaginário coletivo e representações sociais, avançando em um contexto pouco explorado no âmbito acadêmico nacional: o sistema prisional.

## Referências

Aiello-Vaisberg, T. M. J. & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da teoria dos campos. In J. Monzani & L. R. Monzani (Orgs.), *Olhar: Fabio Herrmann uma viagem psicanalítica* (pp. 311-324). São Carlos, SP: Pedro e João Editores.

Anaz, S.A., Aguiar, G.C., Lemos, L., Freire, N.S., & Costa, E. (2014). *Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin*. Revista Nexi. 3 (16) Recuperado de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/issue/view/1324>

Antunes, B. C; Santos, A.R & Antunes P. I. (2024) *Imagem Organizacional em instituição de ensino superior: uma análise a partir da percepção dos discentes de graduação da UDESC*. Revista Gestão Universitária na América Latina GUAL, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 134-158, maio-agosto 2024.

Bachelard, G. (1998). *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes. <http://pt.scribd.com/doc/36379499/BACHELARD-Gaston-A-Agua-e-os-sonhos#download>.

Balmer, J. M. T. (2001). *Corporate identity, corporate branding and corporate marketing - Seeing through the fog*. European Journal of Marketing, 35(3/4), 248–291. <https://doi.org/10.1108/03090560110694763>

Barbosa, M. A. S., Silva, M. R. da, & Nunes, M. S. C. (2017). *Pesquisa qualitativa no campo dos estudos organizacionais: Explorando a análise temática*. Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – EnANPAD, São Paulo, SP, Brasil

Barthes, R. (1990). A retórica da imagem. In R. Barthes (Org.), *O óbvio e o obtuso: Ensaios críticos III* (L. Novaes, Trad., pp. 27–43). Nova Fronteira.

Barthes, R. (2025) *Revista Roland Barthes: A semiótica e análise de conteúdo*. <http://www.roland-barthes.org/>

Brasil. (1984, 11 de julho). *Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984: Lei de execução penal*. Presidência da República. [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17210.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm)

Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Qualitative researching with text, image and sound: A practical handbook*. Sage. DOI/ISBN: 978-0761964810.

Castoriadis, C. (1975). *A instituição imaginária da sociedade* (G. Diniz, Trad.). Editora Graal.

Corbin, H. (1964/1972). *Mundus imaginalis or the imaginary and the imaginal* (R. Horine, Trad.). Spring. Disponível em [http://imagomundi.com.br/espiritualidade/mundus\\_imaginalis.pdf](http://imagomundi.com.br/espiritualidade/mundus_imaginalis.pdf)

- Darlan, S. (2024). *Prisões brasileiras em 100 fotos chocantes*. Editora Alta Books.
- Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). (2023). *Dados estatísticos do Infopen: Levantamento nacional de dados penitenciários*. Ministério da Justiça. <https://dados.mj.gov.br/dataset/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias>
- Durand, G. (2004). *O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Difel.
- Faria, M. L. (2012). *Imagem e imaginário dos vilões contemporâneos* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul].
- Fidalgo, F., Fidalgo, N., Rocha, S. Y., & Alves, Y. E. (2017). O ONASP e a produção acadêmica sobre o sistema prisional brasileiro: Rumo a um estado da arte. In *Sistema prisional: Teoria e pesquisa*. Editora UFMG. [https://www.researchgate.net/publication/319331629\\_Sistema\\_Prisional\\_Teoria\\_e\\_Pesquisa](https://www.researchgate.net/publication/319331629_Sistema_Prisional_Teoria_e_Pesquisa)
- Flusser, V. (2007). *O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação*. Cosac Naify.
- Freitas, M., Nascimento, E., & Pérez, A. (2024). A Prisão como sistema: os interesses do capitalismo e o engodo da ressocialização. *Entropia*. <https://doi.org/10.52765/entropia.v8i15.518>.
- Gerzon, V. R. S., Muller, K. M., Efrom, B., Heberle, M., & Esteves, G. G. (2009). A comunicação como aliada da imagem pública: O processo de transição do PROCAC – Canoas. In *Anais do III Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas – ABRAPCORP* (pp. xx–xx). ABRAPCORP.
- Granato, T. M. M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia & Sociedade*, 23, 81–89. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400011>
- Gray, E. R., & Balmer, J. M. T. (1998). Managing corporate image and corporate reputation. *Long Range Planning*, 31(5), 695–702. [https://doi.org/10.1016/S0024-6301\(98\)00074-0](https://doi.org/10.1016/S0024-6301(98)00074-0)
- Hatch, M. J. (2013). *Organization theory: Modern, symbolic, and postmodern perspectives* (3rd ed.). Oxford University Press.
- Jugović, A., & Bogetić, D. (2018). Medijske konstrukcije zatvora [Media representations of the prison]. *Sociologija*, 60(4), 769–785. <https://doi.org/10.2298/SOC1804769J>
- Lopes, L. B. (2009). *Personagens e estereótipos: Estudo sobre representação visual de personagens com base em estereótipos* [Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Itajaí]. Repositório Institucional UNIVALI.

Luersen, E. H. (2010). *Design e imaginário: Os projetos de cartaz para filmes do subgênero realismo fantástico* [Monografia de bacharelado, Universidade Federal de Pelotas]..

Maffesoli, M. (2015). *O imaginário é uma realidade*. FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia, 22 (1), p.74-81 1-8.<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2015.1.19833>

Maffesoli, M. (2020). *A comunicação sem fim: Teoria pós-moderna da comunicação*. Editora Vozes. ISBN: 978-85-326-6923-1

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. (P. A. Guareschi, Trad.). Vozes.

Morin, E. (1997). *O cinema ou o homem imaginário: Neurose* (9ª ed.). Forense Universitária.

Motta, L. G. (2002). O imaginário: Em busca de uma síntese entre o ideológico e o simbólico na análise da dinâmica sócio-cultural latino-americana. *EPTIC Online*, 4(3), 1–21.

Nery, T. R. A. (Org.). (2012). *Falando de perfil: Da ética à poética do ser servidor penitenciário*. Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas.

Oliveira, C. R. de. (2024). A prisão cautelar e a expansão da população prisional no sistema prisional brasileiro: Uma análise crítica da realidade brasileira. *Revista de Criminologias e Políticas Criminais*, 10(1), 1–23. <https://revista.ijeditores.com.br/index.php/rcpc/article/view/7604>

Oliveira, C. B. F. (2013). *A educação escolar nas prisões: Uma análise a partir das representações dos presos da penitenciária de Uberlândia (MG)*. Educação & Pesquisa, 39(4), 955–967. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013005000017>

Sánchez, A., Sánchez de Toledo, C. R., Bastos Camacho, L. A., & Larouze, B. (2021). Mortalidade e causas de óbitos nas prisões do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(9), e00224920. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00224920>

Santos, S. D. S. (2019). A crise do sistema carcerário brasileiro em perspectiva: Análise sob o paradigma crítico-criminológico. *Virtuajus – Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da PUC Minas*, 4(1), 75–96. <https://periodicos.pucminas.br/virtuajus/article/view/22109>

Schuler, M., & Toni, D. (2015). *Gestão da imagem de organizações, marcas e produtos: Através do MCI: Método para configurações de imagem*. Atlas.

Silva, A. B. (2010). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: Paradigmas, estratégias e métodos*. Saraiva.

Silva, J. M. (2003). *As tecnologias do imaginário*. Editora Sulina.

Sinhoretto, J., Silvestre, G., & Melo, F. A. L. de (2013). O encarceramento em massa em São Paulo. *Tempo Social*, 25(1), e0020005. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702013000100005>

Zambrota, L. (2022). A administração pública penitenciária: Um cenário crônico de ineficiência e ilegalidades no Brasil pós Constituição de 1988. *Revista Digital de Direito Administrativo*, 9(1), 15–43.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2319-0558.v9i1p15-43>